

FH defende admissão da China na OMC

Em palestra para intelectuais chineses, presidente diz que nenhuma organização de comércio pode ter pretensões de universalidade sem participação do país "que é a maior parcela da humanidade"

MIRIAM MOURA

PERQUIM — O presidente Fernando Henrique Cardoso declarou ontem, para uma platéia de intelectuais da Academia Chinesa de Ciências Sociais, o apoio do Brasil ao reingresso da China na Organização Mundial de Comércio (OMC), que sucedeu ao Gatt. A manifestação brasileira em favor da República Popular da China ocorreu no mesmo dia em que o presidente Jiang Zemin prometeu apoiar a pretensão do Brasil de ser membro permanente do Conselho de Segurança da ONU.

Fernando Henrique falou sobre "O Cenário Internacional no ano 2000 — O papel do Brasil e da China", destacando os desafios comuns aos dois

países. Ao final da palestra, um professor do Instituto de Economia da Academia, Fan Gang, perguntou como o Brasil tem resolvido o problema da inflação e comentou que o País ainda encontrava problemas de supervalorização da moeda. Fernando Henrique discordou da afirmação e negou que haja valorização excessiva do real. "Nossas exportações têm aumentado", observou, argumentando que, se a moeda estivesse supervalorizada, seria difícil exportar.

Mas se deparou com um desafio inesperado ao tentar explicar o sistema do câmbio introduzido no País pelo Plano Real. "Não temos no Brasil um câmbio fixo; não há obrigação de manter a paridade com o dólar, como existe na Argentina", explicou. A intérprete Andréa Martins tentou traduzir para o chinês, mas também passou por dificuldades. O presidente tentou, então, explicar em inglês. "É uma banda de flutuação deslizando", disse recorrendo a gestos com as mãos e admitindo que é difícil traduzir o sistema adotado no Brasil.

**MAIOR
DIFICULDADE
FOI EXPLICAR
CÂMBIO**

Protecionismo — Para um auditório lotado de intelectuais chineses, Fernando Henrique afirmou que "nenhuma organização que trate de comércio pode ter preten-

sões de universalidade sem a participação da China, que é a maior parcela da humanidade". Defendeu também adoção de regras pela OMC que evitem novas formas de protecionismo.

Na opinião do presidente, ao Brasil e à China interessa a estabilidade e a previsibilidade dos movimentos de capital de curto prazo, mas principalmente investimentos externos de longo prazo, para gerar empregos e riquezas. "Nesse ponto, temos de reconhecer que Brasil e China



Wilson Pedrosa/AE

Com o presidente chinês: por regras de comércio internacional que evitem novas formas de protecionismo

são em parte competidores, seja por mercados em gamas de produtos em nível tecnológico semelhantes, seja no campo da atração de investimentos e de tecnologia", observou.

Fernando Henrique ressaltou, contudo que "ser competidor não significa estar em posição de rivalidade". Com a globalização da economia, argumentou, a tendência é acelerar a internacionalização da produção, com as etapas do processo produtivo repartidas em diferente países.

"Os fluxos de investimentos não configuram um jogo de soma zero", completou.

Papel moderador — Na avaliação do presidente, mesmo "sem ambições hegemônicas ou veleidades de poder", o Brasil desempenha na região um papel moderador, de promoção de paz e da democracia e no campo econômico é um impulsionador da integração e do crescimento. "Temos uma visão própria do mundo, assim como a China", afir-

mou, ressaltando que os dois países têm sociedades complexas. "China e Brasil estão destinados a ingressar no século 21 como atores internacionais cada vez mais importantes", destacou. "Para isso, é preciso começar desde já."

A Academia de Ciências Sociais também serviu de palco para o lançamento da edição chinesa do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda. O livro tem prefácio de Fernando Henrique.